ENTRE A MÃO E A CABEÇA, O FAZER E O PENSAR: EIS O ARTÍFICE

Por **Ana Cristina Batista-dos-Santos**
Professora do Departamento de Agrotecnologia e Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Semi-Árido – Mossoró – RN, Brasil

Miguel Eduardo Moreno Añez
Professor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal – RN, Brasil



O ARTÍFICE
De Richard Sennett. Rio de Janeiro: Record, 2009. 360 p.

Desde o título que deu à obra, Sennett expressa, através da força de uma "figura tipo" – *O Artífice* – a ideia dominante em todo o livro: a da atividade material, prática, artesanal, como a unidade possível entre diversos pares ambíguos, tais como: mente *versus* corpo, pensamento *versus* ação, concepção *versus* execução, teoria *versus* prática, *homo faber versus animal laborens*. Sobre esse último par conflitante, o autor destaca, logo de início, sua divergência em relação a sua outrora professora, a filósofa contemporânea Hannah Arendt, de quem discorda quanto à suposta superioridade, por ela imputada, do *homo faber,* aquele que cria a vida através do trabalho, sobre o *animal laborens,* que estaria condenado à rotina do trabalho braçal, tal qual um animal de carga. Sennett advoga que essa distinção é falsa e como que redime o *animal laborens* de sua inferioridade, defendendo a tese de ser este capaz de pensar. O autor "tece" as intrigantes páginas de seu livro ratificando continuamente sua ideia original, isto é, da atividade material como síntese daquelas ambiguidades; para ele, sentimento e pensamento são tornados possíveis ao homem por meio do fazer, pela mediação que a atividade material oferece. Nessa perspectiva, Sennett propõe e persegue dois objetivos em *O Artífice*: (i) explicar o engajamento prático, mas não necessariamente instrumental, das pessoas; (ii) mostrar os prejuízos para a "cabeça humana" quando da separação entre mão e cabeça, técnica e ciência, arte e artesanato.

O eixo da obra de Sennett está no tripé: artífice, artesanato e habilidade artesanal. Para falar do artífice, figura mestra da sua obra, Sennett volta à Grécia antiga, recorrendo às virtudes do "deus dos artífices", Hefesto, repleto de habilidades produtoras de civilização, uma vez que o artesanato teria tirado as pessoas do isolamento, introduzindo-as no contexto de comunidade; e o contrapõe a Pandora com sua convidativa caixa, promotora, porém, de sofrimento e destruição. Do artífice, Sennett destaca os importantes elos entre autoridade e habilidades, no contexto das oficinas medievais; as contraditórias relações entre o artífice e as máquinas; e, finalmente, o alto nível de intimidade entre o artífice e os materiais que utiliza, discorrendo a respeito de uma espé-

cie de consciência material que cada artífice teria altamente desenvolvida.

Ao tratar do artesanato, Sennett é mais contundente quanto à ideia do forte vínculo entre a mão e a cabeça e com a própria evolução cultural. Lança luzes sobre peculiaridades da mão, como o ato de pegar, o qual estaria permeado de voluntariedade, ato que teria tornado possível o surgimento do *homo faber,* pois, uma vez que o homem tornou-se capaz de segurar as coisas, pôde trabalhar com elas. O autor situa a capacidade de tolerar a bagunça, a incerteza e mesmo o erro como marca distintiva do trabalho artesanal, além de destacar que o desenvolvimento das habilidades sofisticadas ligadas ao trabalho artesanal demanda do artífice uma capacidade para se envolver em atividades repetitivas, as quais aprimorariam a técnica.

Quanto ao tema da habilidade artesanal, Sennett estabelece uma relação direta entre as habilidades do artífice e a esfera do desejo, argumentando que há nele permanentemente uma busca pela qualidade, um querer fazer bem o trabalho, donde conclui que a motivação é mais importante que o talento no tocante ao desenvolvimento das habilidades artesanais. Destaca, ainda, duas necessidades importantes para o desenvolvimento das habilidades de um artífice: o aprendizado lento e o hábito.

Sennett conclui sua obra apresentando a corrente filosófica em que ela esteve ancorada, ou, visto de outra forma, a perspectiva filosófica que *O Artífice* procurou justificar ou comprovar com minuciosas exemplificações: o pragmatismo. Aponta o conceito de experiência como síntese do pragmatismo sob duas concepções: a da experiência no tocante aos aspectos emocionais, íntimos, sensíveis; e a da experiência em sua faceta mais exterior, que requer mais habilidade que sensibilidade, que lida com o exterior, dimensão que sua obra privilegiou.

Apesar de ampla, a obra *O Artífice,* quando vista em conjunto, parece insistir, através de uma fartura de detalhes e exemplos, em um único e mesmo ponto: a precedência da prática, da ação, do fazer, do corpo, da mão, do *animal laborens*. Assim, como que Sennett escorrega no mesmo tipo de raciocínio de sua professora Arendt, que acusara. Para o autor, parece haver uma superioridade do *animal laborens,* e não uma unidade dialética do mesmo com o *homo faber*.

Envolvido em um exercício do tipo "o que vem primeiro?" (a mão ou a cabeça? o fazer ou o pensar? a teoria ou a prática?), o texto como que passa ao largo de questões como a relação do tempo, do aprendizado, do hábito, da qualidade, da incerteza e do erro do trabalho do artífice, no contexto do mundo do trabalho contemporâneo. Embora reserve algumas poucas linhas para tratar de aspectos institucionais que por vezes limitam o fazer do artífice, no geral, escapa à obra uma discussão sobre dimensões interferentes na relação do homem com o seu fazer. Sennett silencia sobre as condições sociais, históricas, econômicas e políticas de produção dos inúmeros artífices que cita, tema que privilegiou em outras de suas obras, igualmente instigantes, como *A Corrosão do Caráter* e *A Cultura do Novo Capitalismo*. Diferentemente de *O Artífice*, nessas obras, o que Sennett destaca e critica são os elementos de mediação que se interpõem ao homem em sua relação com o trabalho. Assim, na riqueza de detalhes, de pormenores e de belas exemplificações contidas no livro, assiste-se também a uma escassez, um vazio, um silêncio sobre a relação dialética do artífice no mundo. Ao focar na intersecção entre a mão e a cabeça, Sennett parece "deixar às escuras" os contextos em que essa mão, essa cabeça, esse corpo, esse artífice, esse trabalhador, enfim, esse homem ocupa no mundo.

Certamente, estas e outras questões instigariam sua mestra já falecida a continuar o debate. Da mesma forma, a obra é um convite instigante à reflexão, razão suficiente para que seja lida e fartamente discutida.